ESOCITE.BR
14, 15 e 16 de Outubro
Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza CCMN/UFRJ
RIO 2015
VI SIMPÓSIO NACIONAL DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE
ESOCITE.BR / TECSOC

Projeto de desenvolvimento e cooperaçao para gestao, conservacao e longevidade digital de arquivos historicos entre Guiné-Bissau, Cabo Verde, Moçambique e Brasil: relato de uma experiencia em processo.

Jamile Borges da Silva
Universidade Federal da Bahia/ Centro de Estudos Afro Orientais
jamile.ufba@gmail.com

1. *Apresentação*

A memória é o meio onde se deu a vivência,
assim como o solo é o meio no qual
as antigas cidades estão soterradas.
W. Benjamin, 1931

Este paper, dado o caráter da apresentação, pretende de início propor breve reflexão acerca da relação existente entre memória/informação/e patrimônio/virtual, com o objetivo de orientar e propor estratégias para o processo de digitalização de bens patrimoniais, e verificar até que ponto esta operação é útil para a reorganização conceitual do campo da patrimonialização no ciberespaço.

Para isso me aproprio das palavras da escritora Toni Morrison, autora da já célebre obra Beloved, para quem tentar traduzir a experiência do passado significa:

"c*onhecer* o que havia atrás das coisas" (1994, p. 52), revelar o não-dito no dito mediante imagens poéticas para interromper "a solidão que vaga" (1994, p.320) no reino da amnésia; significa criar um lar descolonizado na linguagem do colonizador e

envolver a memória: suas próprias recordações, as recordações dos outros e o que ela descreve como o "subsolo" destas: as "memórias de dentro".

Ela acrescenta ainda que a memória somente pode conduzir à conscientização e agir, para um conhecimento produtivo da condição do indivíduo, dentro do coletivo e das forças e práticas históricas e socioculturais que a ocasionaram, se as experiências individuais e coletivas estiverem entrelaçadas.

Este trabalho representa, portanto, uma tentativa de sistematizar um conjunto de reflexões que me foram suscitadas a partir das interlocuções com os colegas que laboram nos campos da memória, patrimônio, museus e, o que me diz respeito mais diretamente, à relação entre as atuais tecnologias digitais (redes, web, Internet) e as novas formas de organização, tratamento, digitalização, preservação e patrimonialização de coleções etnográficas dentro da arquitetura tridimensional de museus nos espaços virtuais.

Ao modo de Le Goff[1], me interessa nesse texto proceder a uma reflexão crítica acerca do processo de museologização do mundo, *pela via do progresso da memória escrita e iconográfica.*

Estou segura de que A. Malraux, ao propor em seu famoso ensaio *Le Musée imaginaire*[2], que os museus deveriam se converter em instituições abertas a sociedade e que seu conhecimento deveria superar o espaço físico do edifício, ele não imaginava a dimensão que tal crença poderia tomar se pensada contemporaneamente.

O rápido avanço, crescimento e difusão das atuais tecnologias digitais alavancaram uma radical transformação do mundo atual, trazendo implicações políticas, culturais, econômicas, éticas e estéticas para a sociedade do conhecimento, em especial neste

[1] Cf. J. LE GOFF, *História e memória.* Campinas, ED. UNICAMP, 1990

[2] MALRAUX, André - **O museu imaginário**. Lisboa : Edições 70, 2000.

caso, para as áreas da museologia, da gestão e estratégias geopolíticas de preservação da memória.

Inequivocamente, as tecnologias digitais quando aplicadas aos museus vêm facilitando as tarefas do trabalho de inventariação, catalogação e gestão das coleções, assim como a difusão desse tipo de trabalho, revolucionando a forma como as instituições e as pessoas se comunicam, revelando-se uma ferramenta ágil e dinâmica para o desenvolvimento de diferentes projetos e ações no âmbito do patrimônio cultural e para a concepção e difusão de conteúdos culturais e pedagógicos.

O visitante do museu deixou de ser o público local e presencial e dá lugar a um novo publico: *usuário-leitor-navegador-produtor*[3]... de sentidos, de afetos, de interesses.

De acordo com Rocha,

> ao usar as tecnologias da informática com o tratamento eletrônico ou digital da memória, problematizamos a noção do tempo como realidade composta de um *continuum* de instantes logicamente hierarquizados e não como "monumentos de lembranças". (2000:02)

A questão da memória social vem emergindo como elemento importante dentro do fenômeno da cibercultura, com a multiplicação de projetos de memória local, regional e nas próprias comunidades criadas no ciberespaço. O que nos obriga a repensar conceitos clássicos de documentação, educação e interatividade presentes nos museus,

[3] Expressão cunhada por mim para designar a multiplicidade de papéis encenadas pelo mesmo sujeito diante da grande rede web.

interligando-as às ciências da informação e comunicação disponíveis em um ciberespaço, recolocando a questão do território no mundo virtual.

A oralização da memória constituiu-se historicamente como estratégia para construir um espaço dentro da linguagem imposta pelo colonizador: uma estratégia retórica que assinala uma outra episteme no discurso, na história e cultura dominante. A oralização da memória significa uma prática social vivida e imaginada por muitas populações ausentes da historiografia oficial.

Imaginemos agora as inúmeras possibilidades de não apenas escrever esta memória oral, mas registrar em novos formatos, novos suportes a memória dos povos colonizados, a vasta iconografia produzida pelos etnógrafos, antropólogos, historiadores, museólogos, viajantes, anônimos, enfim, registros imaginados e imaginários produzidos por múltiplos olhares sobre a vida e a historia desses povos.

Para aprender com os nossos erros será necessário "revelar" - expressão tão cara à modernidade e suas tecnologias de revelação e registro do progresso do mundo ocidental - e problematizar os caminhos pelos quais chegamos aos lugares e posições sociais que ocupamos no presente, para compreender e estabelecer relações com o passado.

Pensar a memória em pixels, é como propor uma outra escrita, ou uma ***transescrita***[4] parafraseando Walter Roland (UFPE), que articula a memória à noção de digitalização do patrimônio, da iconografia produzida sobre os povos, seus sons, invenções, gastronomia, celebrações, ofícios, rituais, obrigando o pesquisador a atuar como "mediador transcultural" agindo sobre o hífen entre culturas e epistémes, transescrevendo os laços conflitivos que os une e separa (afro-brasileiros, p.ex.).

[4] ROLAND, Walter. **Tecendo Identidade, Tecendo Cultura: Os Fios da Memória na Literatura Afro-Descendente das Américas. XI Congresso Internacional da ABRALIC** Tessituras, Interações, Convergências. 13 a 17 de julho de 2008, USP – São Paulo, Brasil.

Huyssen(1986)[5] aponta para um grande problema criado pela modernidade: o acúmulo de memória e seu conseqüente esquecimento. Para Huyssen, um dos fenômenos mais expressivos da atualidade é a emergência da memória e da "cultura da memória" nas sociedades ocidentais. Para o autor, o excesso e a primazia das tecnologias contemporâneas tem provocado, ao lado da ampliação e extensão das possibilidades de lembrar, paradoxalmente uma rápida capacidade de amnésia social, uma espécie de crise mnemônica, crise de excesso de informação massiva e propagação midiática.

Nesta ânsia e oferta excessiva de imagens, tudo e nada – simultaneamente – se dão a ver. É uma espécie de cegueira branca (como descreve Saramago no seu Ensaio Sobre a Cegueira) em que os olhos padecem. A exacerbação das imagens faz com que o olhar não consiga mais se encantar com o que vê, justamente por conta desse excesso a que é exposto.

Para KOSSOY(2001:26-27) a fotografia aliada ao desenvolvimento da indústria tecnológica possibilitou a multiplicação da imagem em quantidades cada vez maiores, dando inicio a um novo processo de conhecimento do mundo em termos visuais e, também, contextuais". Iniciava-se, assim, um novo método de aprendizado do real, revelador de informações e detonador de emoções".

Entender essa nova dinâmica possibilitada pelo imperativo da técnica – sob pena de fazer desaparecer completamente registros importantes pra compreensão de nossa história, especialmente da história diasporica - supõe também um imbricamento entre os meios e suas mediações. Nosso trabalho e desafio passa a ser agora entender a imagem-documento como mediação entre homens e mundos, atuando nesse limbo afetado por interesses coloniais, conveniências pós-coloniais, discursos reivindicatórios de identidades e autenticidades, dialogando com as evidencias e as ausências.

Para tal, o diálogo precisa encontrar apoio na vasta produção e background de museólogos, gestores e teóricos do campo a fim de nos ajudar a refletir sobre aspectos

[5] Apud NOVA, C. 1999. Novas Lentes para a História. Salvador, UFBA. Dissertação de Mestrado.

caros a este terreno epistemologico, tais como: documentalidade, autenticidade e testemunhalidade (como vimos ontem, a propósito da apresentação do colega Carlos sandroni sobre a autenticidade do samba de roda).

Memória em pixels é uma tentativa de produzir outros (não necessariamente novos) campos semânticos e de pesquisa, pensando a imagem-documento e os museus digitais como espaços conflitivos, arenas de luta por novas significações e representações, distantes dos tradicionais museus que celebram a memória do poder.

Usar as tecnologias da imagem como pedra de impulso (como no jogo de amarelinha, lembrando Cortázar) a nos mover à frente - não sem percalços e tombos, seguramente – para situar os documentos para além da noção de monumentos, tombamentos e celebrações espetaculares. Nos interessa dar a imagem-documento um lugar passível de ser contestado, esvaziado, preenchido por polissemias e polifonias ainda não ouvidas, celebrar sua incompletude em lugar de suas certezas e verdades epistêmicas e coloniais.

Em lugar de acervos e coleções para celebrar o narcisismo e o etnocentrismo como expressões da totalidade do conhecimento do mundo, buscamos celebrar também e especialmente, os anônimos, as mulheres, as mães-de-santo, os cativos do sertão, trabalhadores do açúcar e do petróleo, crianças e adultos em seus ofícios de instituir-se como pessoas dignas de serem lembradas.

Se, como nos alertam os colegas da museologia, no processo de musealização, é preciso CUIDADO COM a informação trazida pelos objetos em termos de DOCUMENTALIDADE, TESTEMUNHALIDADE e FIDELIDADE, queremos advogar também a noção defendida por Guarnieri (1990) ao lembrar que:

DOCUMENTALIDADE pressupõe "documento", cuja raiz é a mesma de DOCERE = ensinar. Daí que o "documento" não apenas DIZ, mas ENSINA algo de alguém ou alguma coisa; e quem ensina, ensina sempre alguma coisa a alguém.

Trabalhar os museus e a museologia nesta perspectiva (do poder da memória e da imagem-documento) implica afirmar como Mario Chagas [6] o poder dos museus como agências capazes de servir e de instrumentalizar indivíduos e grupos de origem social diversificada para o melhor equacionamento de seu acervo de problemas. O museu que abraça esta vereda não está interessado apenas em democratizar o acesso aos bens culturais acumulados, mas, sobretudo, em democratizar a própria produção de bens, serviços e informações culturais. O compromisso, neste caso, não é tanto com o **ter** e preservar acervos, e sim com o **ser** espaço de relação e estímulo às novas produções, sem procurar esconder o "seu sinal de sangue".

"A memória, assim como a gota de sangue na atualidade, coloca-nos dramaticamente diante da vida e da morte. A vida envolve riscos, é o reino do incerto. A morte é o terreno das certezas."

Sabemos que no Brasil pouco se tem feito para preservar a memória da luta e do cotidiano da população afro-brasileira. Poucos e mal acondicionados são os museus, as galerias, os arquivos e os centros de documentação a respeito. Sabemos que lembrar a escravidão e a discriminação racial pode ser difícil e é certamente doloroso, mas é necessário. Em outras palavras, nosso projeto de museu digital é uma forma de dar visibilidade a população afro-brasileira, nos interrogando sobre qual a melhor forma de cuidar de sua memória e de seu patrimônio cultural material e imaterial.

Esse novo fenômeno nos obriga a redefinir o papel dos antropólogos, que devem abandonar a tarefa de falar pelos povos subalternizados, já que eles passam a poder falar por si em defesa dos seus próprios direitos políticos, sociais e culturais. Isso terá fortes implicações nos modos de produção do conhecimento desses povos em sua relação com o ocidente: os museus ocidentais começarão a ser obrigados a repensar e reformular os seus direitos sobre as coleções coloniais que reuniram, a sua propriedade, a sua interpretação, armazenamento e exposição, enfrentando sucessivos pedidos de

[6] **Mário Chagas. Há Uma Gota De Sangue Em Cada Museu: A Ótica Museológica De Mário De Andrade.1998**

repatriação e iniciando formas de colaboração com as sociedades e os povos de origem dessas coleções.

No mundo atual, em que a comunicação não é mais presidida pela supremacia da oralidade ou da escrita, mas pela combinação de diferentes linguagens, texto, contexto, imagem, som, fenômeno que instaura uma nova lógica que articula a razão, a emoção, o desejo, o lúdico, o onírico e o imaginário, faz-se premente pensar como se fará e em que bases deverá se constituir um espaço apropriado à preservação, reflexão e ensino-aprendizagem sobre o patrimônio histórico das populações africanas e afro-descendentes, como também, adequado ao entendimento, compreensão e expressão das diferenças étnico-raciais e à produção dos discursos identitários mediados por esses suportes tecnológicos.

Compreender a imagem como documento histórico, tem um papel fundamental como fonte da historia vivencial de cada pessoa, da memoria individual, tornando-se documentos que refletem a historia da comunidade e a memoria coletiva.

Como lembra François Bédarida (1998)

> "[...] la dinámica de la Historia del Tiempo Presente tiene una doble virtud: de una parte, la reapropiación de un campo histórico, de una tradición antigua que había sido abandonada, de otra, la capacidad de engendrar una dialéctica o, más aún, una dialógica con el pasado de acuerdo con la fórmula bien conocida de Benedetto Croce "toda historia es contemporánea" (Bédarida, 1998: 22).

Entendemos a noção de preservação e patrimônio para além da política de "pedra e cal" (Tb. Lembrada ontem pelo colega Sandroni) , dissociada de uma proposta de preservação de cunho antropológico e social, onde, na seleção dos acervos, tem se

priorizado a produção cultural de determinados segmentos da sociedade, como é o caso dos bens culturais produzidos pela Igreja Católica e pela aristocracia rural. onde o destaque é dado aos monumentos religiosos e aos casarões onde habitaram os senhores de engenho e a burguesia comercial, onde os habitantes locais assistem, passivamente, ou ouvem dizer que este ou aquele monumento foi "tombado", sem sequer entender o sentimento do termo e o significado desse ato executado pelas autoridades locais que, posteriormente, na maioria das vezes, culpa a própria comunidade local pela deterioração desse patrimônio.

Para nós, o passado é "o conhecimento que te enrijece na terra e te impele em multidão no amanhã" [7] como lembra Edouard GLISSANT,1986, portanto,

Como diz Canclini (1983) ao analisar a questão de que muitos museus buscam copiar o real, como forma de estabelecer nas suas exposições um entendimento dos acervos pelo público, coloca que:

... a sua tarefa não é a de copiar o real, mas sim a de construir as suas relações. Portanto, não podem permanecer na exibição de objetos solitários, nem de ambientes minuciosamente ordenados; devem apresentar os vínculos que existem entre os objetos e as pessoas, de modo que se entenda o seu significado.

Entendemos que um projeto de patrimonialização da memoria é uma poderosa ferramenta de empoderamento dos povos africanos que, a despeito das inúmeras agencias de cooperação atuando hoje naquele continente, vê o seu espólio intelectual e a memória de seus países serem pilhados, perdidos, saqueados, num processo de apagamento da memória coletiva e das lutas de libertação. Esse projeto, insere-se, portanto, numa tentativa de ampliar e refletir sobre os processos de confecção e circulação de documentos na gestão de populações e territórios nos países da África lusófona pós-independencia.

[7] **GLISSANT**, Édouard. *Caribbean Discourse*. Trad. J. Michael Dash. Charlottesville: University Press of Virginia, 1992.